

## O olho da barbárie, Marildo Menegat

Maurilio Lima Botelho<sup>1</sup>

– O que irá acontecer - todos nós nos perguntamos. - Quanto tempo vamos suportar esse peso e tormento? O palácio imperial atraiu os nômades mas não é capaz de expulsá-los. Os portões permanecem fechados; a guarda, que antes entrava e saía marchando festivamente, mantém-se atrás das janelas gradeadas. A nós, artesãos e comerciantes, foi confiada a salvação da pátria; mas não estamos à altura de uma tarefa dessas, nem jamais nos vangloriamos de estar. É um equívoco e por causa dele vamos nos arruinar. Kafka, *Uma folha antiga*.

Em 1871 parte significativa dos operários parisienses estavam armados. Diante do colapso do Segundo Império, a defesa da capital francesa ficou a cargo de uma Guarda Nacional que era na sua grande maioria composta pela população civil operária. O conflito a seguir, entre as forças oficiais do governo estabelecido em Versalhes e os *communards*, terminou num grande banho de sangue. Marx analisou esses fatos em artigos para a Internacional que passaram à história reunidos como *A Guerra Civil na França*. O título não poderia ser mais conveniente: uma fração da população parisiense mais ou menos organizada está em armas e se defronta com o ímpeto assassino dos agentes da justiça, da lei e da or-

---

<sup>1</sup> Doutorando do Curso de pós-graduação em Ciências Sociais, Desenvolvimento e Agricultura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

dem. É uma guerra civil, não um combate entre Exércitos distintos ou um conflito estabelecido pelas instituições legais contra um insignificante grupo.

Marildo Menegat, professor de pós-graduação do serviço social da UFRJ, em condições históricas totalmente distintas, se refere aos conflitos hoje alastrados pelas grandes cidades brasileiras também como *guerra civil*. A violência urbana no Brasil é o tema de um dos nove artigos que integram a coletânea *O olho da barbárie*, publicada pela Expressão Popular.

Partindo do significado sociológico de uma marcha entoada por policiais de elite do Rio de Janeiro durante seus exercícios, Marildo Menegat argumenta que a violência urbana no Brasil não é um conflito local e isolado que afetaria pequeno grupo social. Tampouco a sociedade está ameaçada por meros delinqüentes casualmente armados. Há uma fração da população brasileira fortemente armada, mais ou menos organizada, que estabelece quotidianamente uma luta direta contra o aparato legal de segurança. Contudo, o que mais chama a atenção é que os agentes legalmente designados (e armados) para combater esses grupos deixaram de se guiar pela finalidade formal de zelar pela segurança social. Marildo Menegat salienta como na quadra do Bope, em que se canta “Bandido favelado/ não se varre com vassoura/ se varre com granada/ fuzil e metralhadora”, o favelado, “um verso depois, inexplicavelmente, se transforma em bandido” (p. 108). Um inimigo concreto e facilmente determinável é constituído e a polícia segue um objetivo claro e manifesto de extermínio. A impessoalidade da justiça – se é que alguma vez foi válida para essas bandas em que a socialização pela mercadoria se integrou à socialização pelo favor – cai por terra diante desse visível sintoma de “crise de legitimação do Estado” (p. 113).

A referência ao clássico texto de Marx se consubstancia aí: não há apenas uma difusa luta entre forças legais e a população civil, mas há grupos armados organizados<sup>2</sup> e o próprio Estado elencou concretamente seu inimigos. O intuito de Marildo, entretanto, não é exatamente o de tentar

---

<sup>2</sup> “O que espanta é o potencial do PCC, até onde podem ir. Eles têm o sistema carcerário nas mãos, possuem arsenais invejáveis, muito dinheiro, enfim, são poderosos”, comenta um promotor de São Paulo para a revista *Caros Amigos* (A construção do PCC, Edição Extra: PCC, maio de 2006). Resta alguma dúvida, depois da demonstração de força do PCC, que o predicado de *crime organizado* deve ser levado a sério?

traçar uma linha sistemática entre a delinqüência, os conflitos criminais e a guerra civil propriamente dita, daí não ficar claro se a expressão *guerra civil* tem estatuto conceitual ou é uma mera metáfora, pois, segundo ele, “tanto o Exército quanto o Bope pensam, cantam e agem como se estivéssemos em meio a uma guerra civil” (p. 113, grifo meu). O grande objetivo deste artigo, assim como dos demais da coletânea, é tentar demonstrar a pertinência do conceito de *barbárie* para o mundo contemporâneo.

Sim, porque sem dúvida são bárbaros os componentes desses grupos que tornaram ultrapassadas as teorias políticas que confiam ao Estado o monopólio da violência. Também são bárbaros os moradores das periferias e favelas que se submetem aos concursos públicos anuais para recompor, ganhando salários de fome, a força policial.<sup>3</sup> Assim como são bárbaros os policiais, intensivamente treinados, que declaram como realização de um sonho o ingresso no Batalhão de Operações Especiais.<sup>4</sup>

A grande questão conceitual, segundo Marildo Menegat, é que esses novos bárbaros são filhos de uma civilização muito madura, de uma sociedade que, longe de apresentar o arcaico travando a modernidade, apresenta a modernidade produzindo o arcaico na sua forma social mais pura – a violência. Afinal, não é isso que nos expressou o secretário estadual de segurança do Rio de Janeiro, Roberto Precioso, em dezembro de 2006, em resposta aos diversos ataques do crime organizado: “A população pode ficar tranqüila, porque a ordem será mantida. Vamos

---

<sup>3</sup> No momento em que escrevo são contabilizados já mais de cinquenta policiais mortos em pouco mais de quatro meses no Rio de Janeiro (Rio: um batalhão de policiais é assassinado em dois anos, *Jornal O Dia*, 6 de maio de 2007). A morte de civis não tem a mesma repercussão dos índices diários da morte de policiais, embora o Brasil apresente o quarto índice de homicídios do mundo (27 a cada 100 mil habitantes) e o índice de homicídios entre jovens seja quase o dobro (Número de jovens assassinados no Brasil cresceu 64,2 % em dez anos, *Jornal O Globo*, 16 de novembro de 2006).

<sup>4</sup> “Eu tenho muito orgulho disso. Eu diria até que um dos maiores orgulhos da minha vida é ser ‘caveira’”, depõe um policial em *Wardogs*. De origem estrangeira, esse documentário sobre a “guerra de guerrilhas” nos morros cariocas foi divulgado por camelôs no Rio de Janeiro e, após a apreensão e repressão por parte da polícia, foi disponibilizado na Internet. Em tempo: ser “caveira” é fazer parte do Bope, já que o símbolo desta força especial da polícia militar fluminense é uma caveira atravessa por dois punhais.

*cumprir a nossa missão constitucional até o último homem*”<sup>5</sup> Mais um bárbaro a serviço da civilização.

Quando a Constituição, símbolo maior da modernidade democrática, deve ser protegida até o último homem, talvez estejamos chegando naquele fim da história preconizado há alguns anos. E por isso não estamos isolados. Uma das empreitadas do autor, no artigo *Quem são os bárbaros?*, é tentar demonstrar que a modernidade capitalista está congenitamente inclinada à barbárie e a cada momento de sua história correspondem novas formas responsáveis pela irrupção dessa pulsão contida na psique do sujeito moderno. Na barbárie nossa de cada dia, Marildo Menegat encontra sinais do esgotamento global do processo histórico da modernidade.

É como um diabólico círculo hegeliano que repõe, ao fim, aquilo que estava pressuposto de início: não apenas a violência cotidiana e a violência estatal mas também os rearranjos geopolíticos internacionais do presente têm semelhança com aquele passado idílico da “acumulação capitalista”. Marildo Menegat faz coro aqui com alguns dos mais ousados críticos atuais do capitalismo como David Harvey, Mike Davis, Robert Kurz e Paulo Eduardo Arantes, que mais de uma vez pronunciaram a tese de que, ao contrário do que imaginou Marx, o capitalismo nunca descartou aquela violência extra-econômica que o trouxe ao mundo.

No artigo *Civilização em excesso* será usada exatamente essa expressão, retirada do *Manifesto Comunista*, para demonstrar como a dinâmica avassaladora de desenvolvimento das forças produtivas, inerente ao capitalismo, constitui a sementeira da nova barbárie, isto é, como o acúmulo da força civilizatória produz, em determinadas condições, a necessidade de sua destruição (eliminação do capital instalado em épocas de crise) ou como o excedente tecnológico, em condições de crescimento acelerado, é desviado para a guerra (o famoso complexo industrial-militar). Portanto, conceitualmente – e essa é a grande contribuição do livro para a crítica do capitalismo –, o conceito de barbárie corrige o otimismo marxista em relação ao desenvolvimento das forças produtivas (p. 27).

---

<sup>5</sup> Cúpula da segurança foi avisada sobre ataques, *Jornal O Globo*, 29 de dezembro de 2006.

Hoje, entretanto, o “excesso de civilização” não se faz presente apenas na “necessidade da guerra” (pp. 114-116). É certo que o fim da Guerra Fria e a desmobilização do “inimigo externo” socialista não reduziram o excedente econômico e tecnológico mobilizado para a destruição, pelo contrário, o ampliou.<sup>6</sup> Mas a grande manifestação sócio-histórica da barbárie civilizacional atual são os efeitos conjugados da crise do Estado, do neoliberalismo e da dinâmica implacável de constante renovação microeletrônica, isto é, são os milhões de desempregados, em todos os países do mundo, sem exceção, que são objetos privilegiados de repressão e controle por parte do Estado prisional (veja o artigo *Um mundo aprisionado*).

Esses herdeiros de Caim (p. 68) são gerados por ciclos econômicos que não mais possuem um movimento pendular, mas, espalhados espacialmente sobre o “*tapete do mundo*” (p. 266), permitem ao mercado globalizado promover uma “*desconstrução territorial das linhas de produção*” (p. 89) e, via financeirização, a encontrar “*uma nova forma de equilíbrio da irracional racionalidade*” (p. 265), isto é, um estado de “*crises sem fim*” (p. 266) apesar destas terem sido “distribuídas em doses menos visíveis e intermitentes” (p. 33). Todo esse complexo contexto apresentado pelo “capitalismo tardio” nos permitiria, segundo Marildo Menegat, compreender que a estrutura social capitalista é amparada, cada vez mais, “por um aparato jurídico que lhe permite esconder a sua congênita intenção de exclusão por meio da violência” (p. 41)<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Em 2006 o orçamento militar dos EUA foi de 560 bilhões de dólares, 70 % maior do que o do ano anterior (Neidenberg, Milt. *Um império com os pés de barro*. Disponível em: <http://resistir.info>). Há soldados norte-americanos em cerca de 140 países (Galindo, Juan Carlos. *Uma rede militar global*. Disponível em: <http://resistir.info>) e existem pelo menos 70 países com bases militares estadunidenses instaladas (Grossman, Zoltán. *New US Military Bases: Side Effects or Causes of War?* Disponível em: <http://www.counterpunch.org/zoltanbases.html>).

<sup>7</sup> A redução da maioria penal, em discussão e já aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça do Senado, não tem por objetivo, a não ser hipocritamente, garantir a segurança da sociedade ou ampliar a eficácia ressocializadora por meio da intensificação da punição. Seu objetivo, muito claro, é isolar cada vez mais os indivíduos que cometeram delitos e, se possível, eliminá-los, já que o índice de mortalidade nos presídios, ambiente diretamente zelado pelo Estado, é maior do que fora dos seus portões (veja quanto a isso o relatório da Human Rights Watch, *O Brasil atrás das grades*, disponível em: <http://hrw.org/portuguese/reports/presos/>).

É também a partir desse quadro tardio da (pós-)modernidade capitalista que um dilema na reflexão de Marildo Menegat surge. É que, se vivemos uma “sociedade administrada” (Adorno) em que tudo se rendeu ao fetiche da mercadoria, não poderíamos buscar uma plataforma emancipatória em “frestas onde permanecem pontos não reificados de sociabilidade” (p. 37). Por mais que tenha dirigido todo o potencial crítico do conceito de barbárie em direção aos históricos dilemas e entraves emancipatórios dos movimentos sociais (mais nitidamente do movimento operário), nessa altura nosso autor parece apresentar, sub-repticiamente, uma certa nostalgia do sujeito.

Como uma das características básicas do sujeito moderno é a natureza apriorística de sua forma, é bem provável que a emancipação se realize por uma luta contra toda forma de apriorismo, inclusive contra o apriorismo transcendental do “sujeito automático” (Marx) da forma mercadoria. Como vivemos num mundo em que a mercadoria já tudo alcançou e por isso agora entra em crise, então é vã a determinação exclusivista de um *sujeito*. Realmente “a realização dos melhores sonhos se confronta com o lento aparecer do pior dos mundos” (p. 82).

---

Marildo Menegat. *O olho da barbárie*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.